

## Dança. Contemporânea

Espectáculo de Luis Arrieta celebra a dúvida e faz do gênero, mais do que música ou coreografia, uma referência

**Helena Katz**

ESPECIAL PARA O ESTADO

E então, aqueles braços, tão finos e tão longos que não parecem braços. E nem parecem grudar-se a um tronco. Existem, simplesmente: flutuam, pontuam, rasgam e acolhem o espaço que vão construindo/destruindo/apertando/esticando, e vão também desenhando/apagando/desenhando de novo.

E então, aquelas mãos que tudo decidem, que parecem saber e comandar, como se fossem a voz daquele corpo. Um mundo inteiro vai sendo desdobrado por esse corpo que sabe tanto. *Tango aDeus*, o solo que Luis Arrieta apresentou na Sala Fumarate, na cidade de São Paulo, neste último final de semana, assenta a palavra “dignidade” na grandeza que lhe cabe.

O tango deixa de ser dança e deixa de ser música e deixa de ser uma referência cultural. Torna-se uma condição do viver, uma escolha necessária para o existir. O tango vira parede, chão, cadeira, fumaça, suor, tremor, respiração. Configura um estado anterior, uma condição de tudo poder se manifestar. E é a dança de Luis Arrieta que nos carrega para esse mundo.

Nele, o bailarino e coreógrafo inverte o passar do tempo. Começa maduro e, depois de cantar a dor, o pesar e o amor, rejuvenesce. Surpreende, com uma capacidade precisa de passar do vigor para a leveza, nos ensinando que um continua no outro.

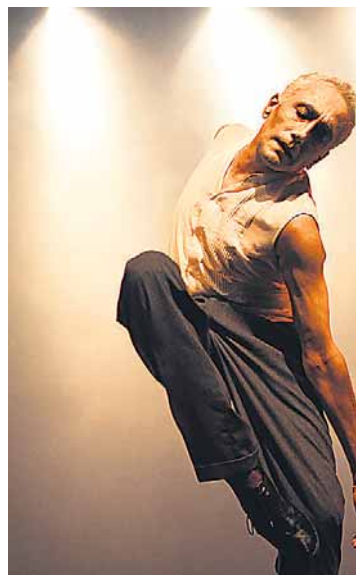
**Avesso.** *Tango aDeus* encadeia uma sucessão de abismos. De nenhum deles se avista o próximo. Não se passa de um ao outro. Há que desaparecer-se a todo momento e, sem contar com o corrimão da causa-efeito, simplesmente seguir para o que não se sabe direito ainda como será. Quando a primeira diagonal é demarcada, ela surge dos escavamentos que o percurso



FOTOS JOÃO MEIRELLES/DIVULGAÇÃO

# VIDA QUE CABE EM UM TANGO

**Tempo.** Da leveza ao vigor, Arrieta sugere certa continuidade



**Diálogo.** No palco, relação com passado e futuro

inicial de Arrieta fez, assim que atravessou o umbral que o separava de nós. Nada indicava que, mais adiante, a mesma diagonal seria retomada, não somente na direção inversa, mas como o avesso da primeira. Naquele momento, ainda não se sabia que seria um jogo dos avessos que iria costurar essa obra. O que se mostra como superfície vai depois para seu subterrâneo, e o que lá estava, fica visível. Nada se mantém; é preciso mergulhar e sair, para novamente mergulhar e novamente sair.

Mas do quê? Talvez o traço mais contundente de *Tango aDeus* seja o de nos mostrar a inutilidade de buscar um significado. No seu caldo de ambiguidades – afinal, estamos experi-

mentando as intensidades da morte e da vida – o solo torna-se *Tango a Deus*, *Tango a Deus*, e ainda *Tango* (no sentido de go=ir, em inglês) *a Deus*, e mais tantos outros quanto cada um descobrir.

Curiosamente, Arrieta nunca está sozinho, mesmo dançando um solo. Quase vemos os ancestrais e os que ainda virão com quem ele conversa, discorda, se submete, se rebela, grita, sussurra, aceita, afasta, acaricia – mas não nos cabe decifrar nada. Estamos no avesso, fazendo parte, mas sem condição de avistar.

Quase ao final, nos momentos em que fica muito próximo do público, é quando nos olha de mais longe, lá detrás de seus

olhos-umbrais. Eles cintilam de formas distintas: às vezes convidam, às vezes impedem que cheguemos muito perto.

Aos 62 anos, o trabalho de Luis Arrieta nos doa uma singularidade. Estar no seu *Tango aDeus* é poder viver o que o filósofo Alain Badiou chama de “acontecimento”, isto é, uma experiência única, que não traz nada fora dela, que não tem objetos externos para representar.

É uma experiência de intensidade, que não se refere às coisas contidas nas ações que fazemos porque, nas palavras dele, se trata de uma “concentração da continuidade da vida” que aparece como um corte entre o antes, o agora e o depois.